

**O cuidado psicoterapêutico para o coletivo jovem:
contribuições da Teoria Integral e das Práticas
Integrativas e Complementares**

The psychotherapeutic care for the youth collective:
contributions from Integral Theory and Complementary
Therapies

Sheila Virgínia de Almeida Bahia¹

Estela Maria Santos Scher Soares²

Karla Daniela Cupertino da Silva³

Daniella Melo Silva Araujo⁴

Emerson Sacramento Santos⁵

Resumo

O estudo se apresenta num cenário de práticas terapêuticas voltadas para o coletivo jovem. Objetivos: discutir os fundamentos da Teoria Integral, enquanto uma metateoria aplicável às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), a fim de propor caminhos possíveis na construção de vivências terapêuticas integrais para jovens. Procedimentos metodológicos: breve revisão narrativa acerca dos seus fundamentos e seus elementos, trazendo também uma breve discussão em torno da psicoterapia de grupo e estudos que versam sobre o perfil epidemiológico das PICS. Resultados: as contribuições da Teoria Integral e das PICS possibilitam percorrer caminhos possíveis com os jovens no desenvolvimento dos níveis de consciência. Desta forma, propomos o uso da Matriz Integral para o Coletivo Jovem (MICJ) no processo de construção de vivências a fim de melhor acolher a complexidade das demandas do jovem, considerando os critérios éticos necessários, a fim de proporcionar o atendimento na Atenção Primária em Saúde.

¹ Psicoterapeuta Integral pelo Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (ISEO)/Espaço Humanize. Doutoranda em Saúde Coletiva, Bolsista CAPES, pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA). Bahia, Brasil. E-mail: sheilabahia27@gmail.com

² Psicoterapeuta Integral pelo Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (ISEO)/Espaço Humanize. Bahia, Brasil. E-mail: estelascher@gmail.com

³ Psicoterapeuta Integral pelo Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (ISEO)/Espaço Humanize. Bahia, Brasil. E-mail: karla75cupertino@gmail.com

⁴ Psicoterapeuta Integral pelo Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (ISEO)/Espaço Humanize. Bahia, Brasil. E-mail: daniellamsa@hotmail.com

⁵ Psicoterapeuta Integral pelo Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (ISEO)/Espaço Humanize. Bahia, Brasil. E-mail: emersongestor@gmail.com

Palavras-chave: Jovens; Teoria Integral; Saúde integral; Terapias complementares; Atenção Primária em Saúde.

Abstract

The study is presented in a scenario of therapeutic practices aimed at the youth collective. Objectives: to discuss the foundations of Integral Theory, as a meta-theory applicable to Complementary Therapies (PICS), in order to propose possible ways to build integral therapeutic experiences for young people. Methodological procedures: brief narrative review about its foundations and its elements, also bringing a brief discussion around group psychotherapy and studies that deal with the epidemiological profile of PICS. Results: The contributions of Integral Theory and the PICS make it possible to go through possible paths with young people in the development of levels of consciousness. Thus, we propose the use of the Integral Matrix for the Youth Collective (MICJ) in the process of building experiences in order to better accommodate the complexity of young people's demands, considering the necessary ethical criteria, in order to provide care in Primary Health Care.

Keywords: Youth; Integral Theory; Integral health; Complementary therapies; Primary Health Care.

Introdução

O atendimento aos jovens requer do Psicoterapeuta Integral na Atenção Primária em Saúde (APS) vários desafios, a considerar a complexidade desta faixa etária na sociedade, em seus aspectos macro e microsociais. Em cada momento, tempo e lugar, uma geração de jovens cria formas específicas de expressão, conforme expõem Minayo e Boghossian (2009), pois existem elementos da condição juvenil que ativam as ações coletivas e, por consequência, impulsionam as transformações sociais específicas de cada geração. Assim, compreender esse período do desenvolvimento do Ser que envolve a adolescência e a juventude, e especialmente compreender como crescem e se desenvolvem no atual contexto da sociedade é questão crucial para contextualização da nossa proposta.

No Brasil, de acordo com o CENSO de 2010, na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, existem mais de 50 milhões de pessoas, representando 27% do total da

população. Segundo Peraita (2022), a fase da adolescência e juventude é constituída por sonhos e entusiasmo com as conquistas e relações sociais mas, mesmo os jovens com recursos e acesso a informações, estão sucumbindo às dores e sofrimentos sem saber explicar as origens destes, buscando, assim, refúgio nas drogas, bebidas, redes sociais, excesso de estudo, isolamento social, entre outros caminhos. Por outro lado, essa geração discute com mais naturalidade temas sociais, assume e reconhece seu mal-estar, posturas que não víamos na geração anterior.

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), apesar de serem práticas milenares, emergem mais recentemente a partir da década de 90, em todo o mundo, e vêm sendo definidas como sendo “sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos” pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Segundo a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC), regulamentada em 2006, as PICS são práticas de cuidado à saúde que abrangem aspectos físicos, mentais, espirituais e sociais da experiência humana. Atualmente, são ofertados 29 tipos de práticas integrativas de promoção à saúde⁶ que passam a ser reconhecidas e difundidas a toda a população assistida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de forma universal, integral e gratuita (BRASIL, 2006, 2017, 2018). Em suma, as PICS buscam:

[...] estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do

⁶ Práticas Integrativas que compõem a Política Nacional em PICs no SUS, até o momento, são: terapia de florais, acupuntura, homeopatia, fitoterapia, antroposofia, termalismo, arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, yoga, apiterapia, aromaterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozonioterapia (BRASIL, 2017, 2018).

cuidado humano, especialmente do autocuidado (BRASIL, 2006, p. 10).

Segundo Faisal-Cury e Rodrigues (2022), as terapias alternativas num dado país, são apresentadas como “[...] práticas de atenção à saúde que não fazem parte da tradição ou da medicina convencional”. No entanto, a medicina considerada integrativa “[...] reúne o convencional e o complementar/tradicional de forma coordenada”⁷, a partir de evidências científicas (FAISAL-CURY; OLIVEIRA, 2022, p. 2).

Contrária à visão dual do sujeito, no binarismo corpo e mente, pela busca da integração entre os conhecimentos ocidental e oriental, a visão integral consolidada por Ken Wilber⁸, inaugurou uma nova força no campo da psicologia. Trata-se de uma metateoria que fornece um Mapa Integral, com “todos os recursos disponíveis para enfrentar qualquer situação, com maior probabilidade de êxito” (WILBER, 2008, p.17-18). Inaugura assim uma nova forma de ver e sentir o sujeito, deixando pistas para a construção de caminhos de cuidado possível, pois o mapa “não é um território” (*Ibid.*, 2008). Desta maneira, a Teoria Integral se apresenta de modo de compreender às necessidades individuais ou coletivas, em toda a sua complexidade, servindo como base sólida para o fortalecimento das PICS.

Diante do exposto, como construir caminhos possíveis para o cuidado integral e terapêutico, para o coletivo jovem? Assim, o presente estudo visa refletir sobre os caminhos possíveis na construção de vivências terapêuticas para jovens, a partir dos fundamentos da Teoria Integral de Ken Wilber e das PICS, a

⁷ Desde 2018, são 170 estados membros da OMS que reconheceram o uso da Medicina Tradicional Complementar e Integrativa (MTCI), porém apenas 97 desses países construíram uma política nacional. Aqui no Brasil, as MTCI são chamadas de PICS e são aplicadas “no campo da prevenção de doenças e agravos, bem como na promoção, manutenção e recuperação da saúde e do bem-estar”, considerando “a dimensão holística do ser humano e o cuidado humanizado”. (FAISAL-CURY; OLIVEIRA, 2022, p. 1).

⁸ Ken Wilber é um biólogo, filósofo e pensador norte-americano que, em 1983, criou a “Psicologia Integral”, inaugurando assim um “Movimento Integral” em todo o mundo.

partir de uma *Matriz Integral para o Coletivo Jovem (MICJ)* como estratégia para a construção de vivências terapêuticas de abordagem integral, no âmbito da Atenção Primária em Saúde (APS).

2 Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório e propositivo que parte de algumas publicações científicas acerca da Teoria Integral, buscando levantar também as publicações brasileiras na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), dos últimos cinco anos, com acesso aberto.

Foram utilizados os descritores *psicoterapia de grupo*, *terapias complementares* e *jovens*, porém não encontramos publicações no período. Em seguida, foram utilizados os descritores *saúde integral*, *terapias complementares* e *jovens*, sendo encontradas apenas três publicações, destas apenas uma trazendo o perfil epidemiológico envolvendo dados referente às 29 PICS preconizadas pela PNPIC. Por fim, não encontramos nos descritores BVS as nomenclaturas *Ken Wilber*, *vivências terapêuticas* e *Teoria Integral* ou *visão integral*.

Assim sendo, diante da escassez de pesquisas de estudos sobre a Teoria Integral de Ken Wilber, optou-se por uma breve revisão narrativa, de acordo com Rother (2007), acerca dos aspectos teóricos ou contextuais de uma teoria, no caso a Teoria Integral. Por fim, este estudo traz também algumas reflexões acerca do perfil epidemiológico das PICS, predominantemente formado por jovens e uma metodologia para atendimento psicoterapêutico para este coletivo.

4 Resultados e Discussão

4.1 A constituição da identidade jovem na sociedade: questões preliminares para o cuidado ao sujeito integral

Compreender a juventude implica analisar os aspectos biopsicossociais e espirituais do processo de amadurecimento e/ou desenvolvimento do indivíduo, buscando abarcar a sua complexidade, no contexto histórico e social.

Segundo as teorias psicogenéticas propostas por Piaget, Vygotsky e Wallon, a adolescência pode ser compreendida na seguinte sequência: enquanto estágio de operações formais, onde o desenvolvimento cognitivo-intelectual busca maior reflexão sobre valores e questões sociais, demandando a elaboração de hipóteses para a construção do conhecimento (Piaget); enquanto período de maior afetividade e busca mais ampla por autoafirmação e desenvolvimento sexual, a fim de compreender melhor suas emoções (Wallon); e, enquanto período em que o meio social constrói o indivíduo, a partir da cultura, exigindo dos jovens atendimento a regras sociais para pertencimento a um grupo ou comunidade (Vygotsky). Portanto, apesar das críticas às teorias psicogenéticas, podemos afirmar que os autores consideram a importância do social no processo de desenvolvimento humano, porém, no caso de Piaget, sem maior aprofundamento da questão (LA TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992).

Tarantino, Oliveira e Gomes (2021), com base em entrevista ao neurocientista americano Jay Giedd, pioneiro na investigação do cérebro adolescente, pelo Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos (NIMH), afirmam que os tropeços da adolescência são sinais de que o cérebro jovem busca adaptar-se ao ambiente, num processo de fortalecimento e amadurecimento de neurônios e abandono de outros, conforme explicam:

Os estudos mostraram também que a onda de maturidade se inicia nas partes mais profundas e antigas, próximas do tronco cerebral, como os centros da linguagem, e naquelas ligadas ao processamento de emoções como o medo. Depois, essa onda vai subindo rumo às áreas mais recentes do cérebro, ligadas ao pensamento complexo e à tomada de decisões. Entre elas estão o córtex pré-frontal, o sulco temporal superior e o córtex parietal superior, envolvidos na integração de informações enviadas por outras estruturas do órgão. Essa evolução explica, em parte, por que nesse período da vida a impulsividade e os sentimentos mais viscerais são manifestados com tanta facilidade, sem passar pelo filtro da razão (TARANTINO, OLIVEIRA, GOMES, 2021, p. 1).

Os autores afirmam que a explicação acerca da exposição dos jovens a riscos, associada à falta de noção do perigo, esteve antes vinculada à falta de amadurecimento da região cerebral, denominada córtex pré-frontal. No entanto, estudos atuais indicam que “[...] em torno dos 15 anos os jovens conseguem perceber o risco da mesma forma e com a mesma precisão que um adulto”. Contudo, é a capacidade de autorregulação que não se encontra totalmente amadurecida. E, a adolescência deve ser compreendida como “[...] uma fase na qual a identidade não está absolutamente constituída, e o grupo acaba sendo o meio para experimentar e também uma lente pela qual o adolescente lê o mundo” (TARANTINO, OLIVEIRA, GOMES, 2021, p. 1).

Entretanto, em nossa sociedade, o desenvolvimento entre as fases adolescência e juventude ocorre em meio a um contexto entre o rigor disciplinar das instituições sociais (família e a escola) e da dificuldade do jovem na adaptação a este sistema social. Segundo Silva e Lopes (2009), daí surge o conceito de *delinquência juvenil* que associa essa fase da vida como *perigosa*, associando também imagens negativas da vida sexual de adolescentes e jovens. A família e a escola, legitimadas cientificamente e socialmente, são “espaços privilegiados das ações preventivas das mazelas associadas aos jovens” (FOUCAULT *apud* SILVA; LOPES, 2009, p. 90), mas sendo ao mesmo tempo principais causadoras da periculosidade juvenil.

Considerando a Teoria Integral, o percurso da aquisição da *autonomia* perpassa, também, pela compreensão da complexidade da identidade em seus aspectos pessoal, corporal ou sexual e psicossocial, cujo processo envolve compreender as emoções (e outros estados temporários) que desencadeiam sofrimentos psíquicos e comportamentos destrutivos (ansiedade, depressão, automutilação, etc) (WILBER, 1993, 2008).

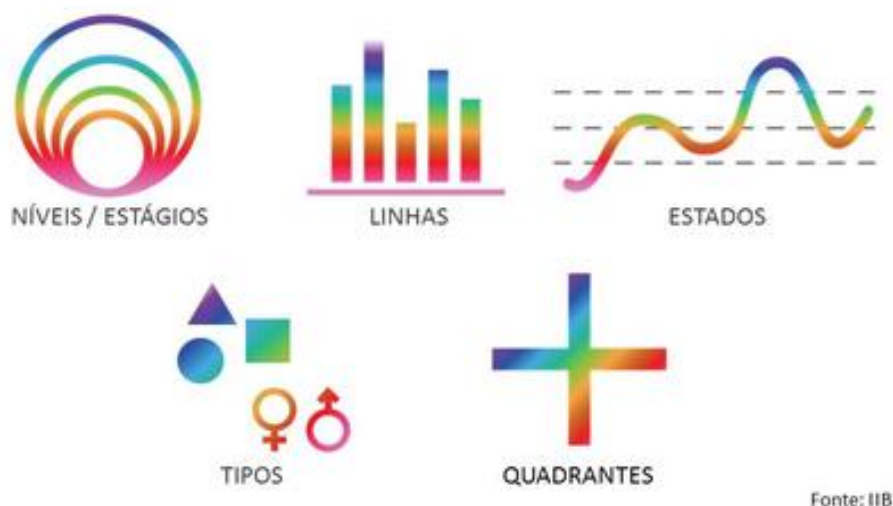
Diante do exposto, os trabalhos terapêuticos grupais na Atenção Primária em Saúde (APS) servem como recurso para compreender os discursos e as

questões árduas do ser jovem em sociedade, possibilitando, ao mesmo tempo, o reconhecimento e fortalecimento da sua identidade. Porém, a fundamentação teórica na perspectiva da Teoria Integral auxilia na utilização adequada das PICs, construindo caminhos para os processos de desenvolvimento do *eu integral* e o cuidado integral.

4.2 O mapa da visão integral de Ken Wilber e seus elementos estruturantes

Após anos de estudos dos conhecimentos sistematizados do ocidente e do oriente, Wilber consolida a Teoria Integral, uma metateoria composta por diversas teorias e consolidadas num único mapa. O *mapa da visão integral* possui cinco elementos simples, profundos e capazes de auxiliar no desenvolvimento pessoal, cuja formulação teórica é conhecida como metamodelo A.Q.A.L. e sua abreviação significa *todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos*, conforme figuras 1 e 2 (WILBER, 1993, 2008; ESBJORN-HARGENS, 2012; PICCIOTTO, 2016, p.1).

Figura 1 - Os elementos da Teoria Integral de Ken Wilber



Fonte: IIB

Fonte: METAMODELO - AQAL, 2014

Não se trata apenas de conceitos teóricos, mas de aspectos da existência humana, atributos da nossa consciência que subsidiam os aspectos básicos da percepção (de si mesmo e do mundo) e também pela perspectiva de cada

momento (de forma abrangente e efetiva) (WILBER, 1993, 2008; ESBJORN-HARGENS, 2012; PICCIOTTO, 2016, p.1). Estes são constituídos por:

- Os quadrantes - são quatro perspectivas fundamentais de olhar para qualquer situação ou emoção, considerando a realidade por distintas dimensões interior e exterior, singular e plural, conforme figura 2. Especificamente, no quadrante Superior-Esquerdo (QSE) é representado o *eu*, no quadrante Inferior-Esquerdo (QIE) representado o *nós*, no quadrante Superior-Direito (QSD) é representado o *isso-isto-ele*, e no quadrante Inferior-Direito (QID) são representados os *issos-istos-eles*. Assim, Wilber defende que as nossas atitudes possuem implicações em todos os quadrantes, pois há um círculo mútuo de interdependência. (WILBER, 1993, 2008; ESBJORN-HARGENS, 2012).
- Os estados de consciência - são expressões temporais ou ocorrências temporais de aspectos de nossa realidade que podem durar segundos, dias, meses ou anos e que são incompatíveis entre si. Analisando pelo prisma do QSE, os *estados meditativos*, induzidos por orações contemplativas, meditação e práticas como yoga, e os “estados alterados de consciência”, induzidos por drogas, além de “experiências de pico”, que desencadeiam experiências intensas e são mais variadas, tais como: ouvir uma boa música⁹, andar na natureza, etc (WILBER, 2008, p. 29).
- Os estágios de desenvolvimento - também denominados como “níveis” ou “ondas”, representam nossas conquistas em termos de crescimento e desenvolvimento. Enquanto os estados são temporais, os estágios são considerados como permanentes. No entanto, há várias formas para classificar o desenvolvimento e, portanto, há várias concepções de

⁹ De acordo com Pinheiro (2020), a prática do Yoga fortalece o estado de presença e, com isso, proporciona a redução na ansiedade e favorece a auto-observação. No estudo sobre o uso de performances musicais associadas ao pranayama, considerando a teoria do espectro da consciência de Ken Wilber observou-se, no entanto, maior interferência interna quando os níveis estavam mais primários (persona e ego) (PINHEIRO, 2020, p. 16).

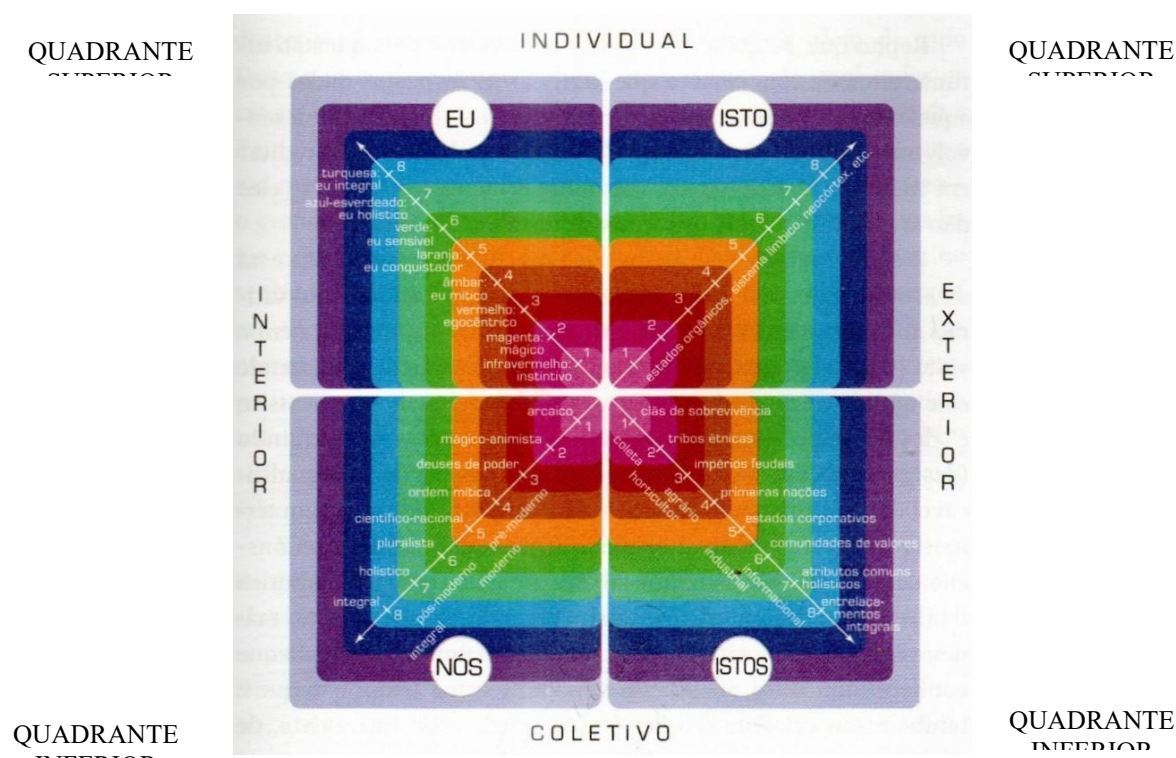
estágios. Wilber sugere trabalharmos os estágios/concepções de desenvolvimento de consciência a partir das cores do arco-íris, conforme exposto na figura 2. (WILBER, 1993, 2008).

- As linhas de desenvolvimento - são formas de descrever as capacidades distintas que são desenvolvidas em níveis, considerando a complexidade de cada realidade representada em seus quadrantes. Assim, tomando como exemplo as inteligências múltiplas propostas por Gardner (1995), para sermos integralmente desenvolvidos, não precisamos ter domínio sobre todas as linhas de desenvolvimento (cognitivo, intrapessoal, interpessoal, corporal-cinestésica, existencial, etc), mas ter consciência delas a fim de alcançar um senso mais apurado da sua imagem integral. Portanto, o nível de desenvolvimento de uma determinada linha significa a 'altura vertical' que a linha alcançou em termos de crescimento e consciência, considerando as três grandes ordens do pensamento (egocêntrico, etnocêntrico e mundocêntrico) (WILBER, 2008; ESBJORN-HARGENS, 2012).
- Os tipos - são considerados *estilos* ou *padrões* que partem da forma como vemos o mundo, da forma como nos entendemos (sadios e patológicos). São também denominados como "tipologias horizontais" e correspondem aos diferentes tipos de personalidade que podem ser encontrados em qualquer estágio. Em geral, são estáveis, maleáveis e nos auxiliam a dar sustentabilidade aos nossos esforços, vinculando a padrões existentes e duradouros, ajuda na comunicação com os outros e no caminhar nos vários níveis de consciência. Há vários sistemas que analisam os diferentes tipos de desenvolvimento, cada qual abordando um quadrante, nenhum deles com a resposta final (WILBER, 1993, 2008).

De um modo geral, os quadrantes e os estados resumem como estamos, enquanto que as linhas e os tipos de personalidade são os nossos recursos, e os níveis ou ondas representam as nossas conquistas, o que as vivências podem

proporcionar. Neste sentido, as abordagens integrais auxiliam na compreensão das nossas potencialidades e limites diante da complexidade de ser e estar no mundo. Portanto, um praticante integral tem valiosas informações acerca da sua realidade, em qualquer situação, nos aspectos individuais e grupais. Isso auxilia em suas decisões ou escolhas para uma melhoria considerável, além de nos situar quando, frequentemente, tendemos a nos comparar às outras pessoas ao nosso redor. Certamente, se fossemos todos iguais, a vida seria menos interessante (ESBJORN-HARGENS, 2012, p. 11).

Figura 2 - Todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos da Teoria Integral de Ken Wilber



Fonte: WILBER, 2008, p. 149.

Em suma, os “praticantes integrais”, segundo Esbjorn-Hargens (2012), em posse do nosso Mapa Integral (ou Sistema Operacional Integral - SOI), possui acesso a todos os recursos disponíveis para enfrentar, com maior probabilidade de êxito, qualquer situação, alcançando o desenvolvimento do nosso *eu total*. Porém, o mapa é “apenas um mapa”, e “não é um território” (WILBER, 2008,

p.17-18). Em outras palavras, o mapa não é o sujeito em si, mas a forma de ver e sentir o sujeito, o que exige a utilização de suporte psicoterápico e uso de terapias adequadas por demanda ou necessidade dos mesmos.

4.3 Reflexões metodológicas para vivências terapêuticas com o coletivo jovem: a importância da Teoria Integral e das PICS.

Com base no Mapa da Visão Integral de Wilber, propomos a *Matriz Integral para o Coletivo Jovem (MICJ)* (em contínua construção) para o planejamento de vivências terapêuticas que possibilitem ao jovem navegar nas ondas básicas do espectro da consciência, percebendo os níveis do seu próprio ser. Compreendemos que são os estados ou expressões temporais apresentados e vivenciados pelos jovens que despertam “gatilhos” e ativam “complexos” que precisam ser acolhidos e ressignificados, onde a observação pelos quadrantes vai proporcionar melhor análise das causas internas e externas (WILBER, 2008; ESBJORN-HARGENS, 2012).

Pela MICJ, a compreensão das demandas emergentes ou emoções dos jovens, com base nos quadrantes, deve considerar duas sequências básicas, conforme segue:

- Sentido anti-horário: partindo do quadrante superior direito (QSD), depois o quadrante superior esquerdo (QSE), em seguida o quadrante inferior esquerdo (QIE) e, por fim, o quadrante inferior direito (QID), a fim de possibilitar maior contato interno para posterior contato externo.
- Sentido horário: adentrando inicialmente as questões externas, ou quadrantes inferiores (QID e QIE), para posteriormente abordar questões internas, ou quadrantes superiores (QSE e QSD).

Em ambos os processos, é importante aos jovens experiências de identificação do “eu”, de percepção de suas escolhas, imposições de vontades, seus mecanismos de defesas, de metabolização (conversão dos estados em características) e de integração (alcance do equilíbrio/totalidade) (WILBER, 1993,

2008, 2011a). Nesta perspectiva, de acordo com Arantes, Ferreira, Accioly-Régnier *et al.* (2022), as emoções e sentimentos poderão ser melhor traduzidos e acolhidos, proporcionando um autocuidado mais integral ao indivíduo e ao coletivo, a partir da integração das experiências, conforme figura abaixo:

Figura 3 - A emoção da raiva exposta nos quatro quadrantes

QUADRANTE 1 – subjetivo Eu SINTO raiva	QUADRANTE 2 – objetivo Eu EXPRESSO a raiva por meio da minha agitação corporal
QUADRANTE 3 – intersubjetivo Eu JUSTIFICO a raiva a partir da minha bagagem cultural	QUADRANTE 4 – interobjetivo A raiva AFETA o meu comportamento no grupo.

Fonte: ARANTES, FERREIRA, ACCIOLY-RÉGNIER *et al.*, 2022, p. 27.

Assim, a partir da relação entre os estados e os quadrantes, é possível estimular a percepção sensorial acerca dos níveis de consciência em que cada jovem se encontra, como também proporcionar momentos de autoconhecimento acerca das linhas de desenvolvimento e dos tipos de personalidade predominantes. Neste último, é importante abordar os tipos, adequando a metodologia para cada subgrupo de faixa etária (adolescente-jovem; jovem-jovem; adulto-jovem), cada qual com demandas distintas que merecem ser consideradas. Além disso, essa distinção auxiliará na adoção de técnicas e dinâmicas com os jovens em seus diferentes tipos de desenvolvimento. Porém, é importante considerar que todas as técnicas para classificar os tipos vão ter algo importante a dizer, mas nenhuma delas trará uma resposta final (WILBER, 2008).

Na linha terapêutica integral, para atingir o objetivo proposto, consideramos importante a inclusão de PICs, tais como: a aromaterapia, a bioenergética, a arteterapia, a musicoterapia, a biodança, as danças circulares, etc., além da “meditação integral”¹⁰. É possível, ainda, estabelecer parcerias com

¹⁰ Wilber (2020), em sua abordagem que integra elementos e práticas do ocidente e do oriente, defende que a meditação e o mindfulness são meios importantes, porém não exclusivos, para

outros colegas especialistas nas temáticas necessárias e/ou parcerias com instituições, sempre comunicando previamente ao coletivo jovem definido.

Faz-se necessária também a construção de projetos aplicativos e/ou plano de ação com objetivos claros, metas e tempos definidos por cada temática, buscando consolidar todas as abordagens e técnicas a serem aplicadas nas vivências terapêuticas, considerando a normativa vigente e questões éticas, com especial atenção no atendimento aos menores de 18 anos de idade (Lei no 8.069 de 13/07/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA).

Por fim, partimos do pressuposto de que as Práticas Integrativas e Complementares são acessíveis na Atenção Primária em Saúde, constituindo-se em espaços terapêuticos também propícios ao desenvolvimento da Teoria Integral. Mas, para alcançar um maior número de jovens mais vulneráveis em nosso país precisa vencer alguns obstáculos, a começar pelo acesso e a qualificação dos profissionais de saúde no campo da Saúde Mental.

Pesquisadores como Faisal-Cury e Rodrigues (2022), com base nos dados da Pesquisa Nacional do Brasil (PNS, 2019), observaram 94.114 participantes que utilizaram as PICS nos últimos 12 meses e encontraram que seu público, em sua maioria, são de mulheres com mais de 29 anos, da raça branca, e com maior nível socioeconômico e educacional, residindo em zona rural e na região Norte do país, com pior estado de saúde autorreferido e depressão. Com isso, conclui-se que as PICS não chegam à população jovem mais vulnerável, apesar de ser garantida universalmente em legislação do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, as práticas grupais são as menos procuradas, seja pela ausência de conhecimento ou oferta na Atenção Primária em Saúde, onde as mais procuradas são: práticas medicinais e fitoterápicas (57,2%), a acupuntura (26,3%) e a homeopatia (17,0%).

alcançar maiores potenciais espirituais e humanos. Com a prática diária da meditação integral, por exemplo, os estados da consciência avançam descobrindo os nossos mapas ocultos e os substituindo por versões melhores, num processo que caminha entre o que ele denomina como sendo “Crescer”, “Despertar”, “Depurar-se” e “Expressar-se” conscientemente.

Uma vez vencida a barreira do acesso, os profissionais de saúde, em sua maioria, desconhecem os benefícios da aplicação da Teoria Integral, o que demandaria ações de educação permanente em saúde para o conhecimento acerca da metateoria integral e suas ferramentas para uso associado às PICS, de forma sucinta acima expostas. São caminhos possíveis para uma prática profissional ética e compromissada, com abertura para maior conhecimento acerca do campo psicológico e energético de cada jovem, a fim de construir coletivos acolhedores das demandas reprimidas que necessitam ser trabalhadas.

Considerações finais

Reconhecemos a complexidade da Teoria Integral e este estudo buscou trazer, brevemente, a sua constituição e epistemologia. Entendemos a necessidade de ampliarmos o olhar para o sofrimento humano, a fim de favorecer a adoção de abordagens e práticas de cuidado integrais e emancipatórias, de acordo com cada nível ou estado de consciência individual ou coletiva do jovem.

A Matriz Integral para o Coletivo Jovem (MICJ) é o início de um referencial topográfico para o autoconhecimento e o cuidado integral que, uma vez aplicada e aprimorada, possibilita a construção de estratégias metodológicas capazes de permitir ao jovem lidar com as suas questões internas, fraquezas e fortalezas, bem como reconhecer como o ambiente externo os afeta.

Para tanto, o cuidado integral deve considerar a complexidade do ser humano não somente em seus quadrantes inferiores (coletivos) mas, também sobre os seus impactos nos quadrantes superiores (individuais) (e vice-versa). Esperamos, com esse estudo, iniciar um diálogo com vistas a incorporar a visão integral enquanto metateoria necessária ao campo da Saúde Mental, nos tempos atuais, fortalecendo a formação dos terapeutas, psicoterapeutas e psicólogos por meio da educação permanente na Atenção Primária em Saúde (APS) no Sistema Único de Saúde (SUS), bem promover mais ações de pesquisa e extensão, em

parcerias com Instituições de Ensino Superior (IES), ampliando assim o campo das PICS.

O presente estudo não esgota a amplitude da temática, mas buscou, em suma, trazer reflexões acerca do processo de construção da identidade jovem nos tempos atuais, refletir sobre os fundamentos da Teoria Integral e seus elementos, apresentar a construção de uma “Matriz Integral para o Coletivo Jovem (MICJ)” como estratégia para a construção de vivências terapêuticas de abordagem integral, com uso das PICS para o cuidado ao sujeito integral, considerando, por fim, o perfil epidemiológico das PICS atualmente, e a necessidade de sua importância para o público jovem.

REFERÊNCIAS

ARANTES, M.M.; FERREIRA, A.L.; ACIOLY-RÉGNIER, N.M. *et al.* Educação emocional integral: processos de humanização no campo educacional. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2022.

BEHELLI, L.P.C.; SANTOS, M.A. Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. *Revista Latino-am Enfermagem*. v. 12, n.2. mar-abr 2004 p. 242-9. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/gzJT55CqVnHyWTSwJM54sfr/?format=pdf&lang=pt>>

BORIS, G.D.J.B. Elementos para uma História da Psicoterapia de Grupo. *Revista da Abordagem Gestáltica*. Phenomenological Studies. v. 20, n. 2, jul-dez 2014, p. 206-212. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n2/v20n2a08.pdf>>

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. Estatuto da Juventude: Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. *Diário Oficial da União*. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude, 2013.

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria n. 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. *Diário Oficial da União*. Brasília: Ministério da Saúde. 28 Mar 2017.

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de

2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). *Diário Oficial da União*. Brasília: Ministério da Saúde. 22 Mar 2018.

COPPE, A.A.F. *A vivência em grupos de encontro: um estudo fenomenológico de depoimentos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - UFRJ/PUC Minas. Associação Paulista da ACP, 2001. Disponível em: <<https://apacp.org.br/diversos/artigos/a-vivencia-em-grupos-de-encontro-um-estudo-fenomenologico-de-depoimentos/>>

ESBJORN-HARGENS, S. Uma visão geral da teoria Integral. *Meta Integral Foundation*. Resource Paper, n. 1, jun 2012. Disponível em: <<http://institutointegralbrasil.com.br/uma-visao-geral-da-teoria-integral/>>.

FAISAL-CURY, A.; RODRIGUES, D.M.O. Prevalência e fatores associados à medicina tradicional, complementar e integrativa no Brasil: um estudo de base populacional. *Jornal Europeu de Medicina Integrativa*. v. 53, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.eujim.2022.102146>>.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

METAMODELO Integral de Gestão. AQAL [online]. [S.I.]. 28 jul 2014. Disponível em: <<http://www.aqal.com.br/-blog/archives/07-2014>>.

MINAYO, M.C.S.; BOGHOSSIAN, C.O. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. *Saúde Sociedade*. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.

PARIZI, V.G. Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas. *Psicologia Revista*. v. 15, n. 1, mai 2006, p. 109-128. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18098/13454>>.

PERAITA, B.A. Millennials e geração Z: por que elas são a 'geração deprimida'? *BBC News Brasil*. The conversation. 20 mar 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60788360>>.

PICCIOTTO, G.; BRANCO, H.C. Você já ouviu falar da Teoria Integral, a “Teoria de Tudo”? *Segs* [online]. [S.I.]. 18 abr 2016. Disponível em: <<https://www.segs.com.br/2016/demais/12751-voce-ja-ouviu-falar-da-teoria-integral-a-teoria-de-tudo>>.

PINHEIRO, H.T. Interferências nas Práticas Performáticas Musicais: Gatilhos e Minimização por Meio de Técnicas de Yoga. *Revista Vórtex*. Curitiba, v.8, n.3, p. 1-20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3984/2706>>.

SILVA, C.R.; LOPES, R.E. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos. v. 17, n.2, jul-dez 2009, p. 87-106.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. 5-6, jun. 2007.

SIMÃO, M.J.P. Psicologia Transpessoal e Espiritualidade. *Revista o mundo da Saúde*. v. 34, n. 4, out-dez 2010. Disponível em: <<https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/594>>.

TARANTINO, M.; OLIVEIRA, M.; GOMES, L. As revelações sobre o cérebro adolescente. Medicina e bem estar. *Revista Isto é* [online]. [S.I.]. 14 mai 2021. Disponível em:<https://istoe.com.br/170256_AS+REVELACOES+SOBRE+O+CEREBRO+ADOLESCENTE/>.

WILBER, K. *Psicologia integral: consciência, espírito, psicologia e terapia*. São Paulo, Cultrix, 1993.

WILBER, K. *A visão integral: uma introdução à revolucionária abordagem integral da vida, de deus, do universo e de tudo mais*. São Paulo, Cultrix, 2008.

WILBER, K. *Transformações da consciência: o espectro do desenvolvimento humano*. São Paulo, Cultrix, 2011a.

WILBER, K. *A prática da vida integral: um guia do século XXI para saúde física, equilíbrio emocional, clareza mental e despertar espiritual*. São Paulo: Cultrix, 2011b.

WILBER, K. *Meditação integral: mindfulness como um caminho para crescer, despertar e estar presente em sua vida*. Goiânia: Editora Vida Integral, Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Recebido em: 28/02/2025.

Aprovado em: 21/07/2025.